O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS: GRATIS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1$000 MENSAES.

Anno I. Fortaleza — Domingo, 2 de Setembro de 1877. N. 11

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 2 DE SETEMBRO DE 1877.

O governo decididamente adoptou a programma politico o exterminio das provincias do norte.

Como no inferno de Dante—findou-se para nós toda esperança.

Segundo cartas do centro a fome começa a fazer victimas; as estradas convertem-se em tumulos dos infelizes já sem alento para atravessar os campos resequidos.

A extensa região da Serra-Grande e Ipú está litteralmente occupada com os fragmentos titanicos de um povo em massa que o desespero ali reune.

Esta capital, e todo o littoral, forma outro élo onde a miseria sem protecção, sem direcção, sem norte, sem recursos, agrupa-se como vasto e pacifico rebanho ilhado pela tormenta.

E o rei diverte-se!

A regente faz novenas!

O governo geral garante que não ha secca!

O presidente do Ceará occupa-se em privilegios de fumo!

A assembléa provincial requisita força para amarraçar as victimas!

—Triste situação.

A caridade nacional e estrangeira tem sido a unica fonte onde a miseria tem tocado seus labios resequidos; mas esta não póde suster o tremendo desabamento.

De Granja, Ipú, Tamboril, Santa Quiteria, Jardim, Telha, e de toda parte emfim, tompunge o coração lêr a descripção dos horrores.

As pobres commissões que a presidencia nomeou para manter as populações em seus lares, lá estão expostas ás iras da indigencia, pela perfidia da administração que illudiu-as, mandando migalhas em vez de recursos!

Promette-se trabalho e viveres, e o povo esgotado e avido atraz da lisongeira miragem, encontra o cruel desengano.

Nem tão longe Sr. Estellita deve S. Exc. levar a prova da paciencia popular.

Melhor e mais humano será dizer francamente—não contue com o governo; salve-vos como poderdes!—

Cem mil réis por exemplo para Montemór, é antes um insulto feroz aos soffrimentos de uma população, do que auxilio para salval-a.

Duzentos e onze contos de réis que a presidencia tem esbanjado sob a rubrica—soccorros publicos—tem servido antes para encher o ventre do bando de corvos que esvoaça em redor do palacio do gov. para matar a fome e cobrir a nudez dos indigentes.

Um paiol, por exemplo, que se está construindo na Lagôa-secca, a tres ou quatro mezes, ainda não passou dos alicerces, e já se tem despendido uma somma elevadissima, inclusive—uma bôa casa fabricada para morada do administrador.

O engenheiro Pierleves lá montou tambem seu escriptorio, e tem zelador d'elle, vencendo dois mil réis diarios, em quanto o povo tirita ao redor, de fome e de frio!

Não é com migalhas, ou cascas de bananas e laranjas da mesa do major Capote—que o governo tem cumprido o dever de salvar-nos: E' com providencias completas, na altura do espantoso flagello!

Si para enriquecer a um bando de ladrões se gastam oito mil contos a pretexto de construir um encouraçado;

Si paga-se sete mil por um banqueiro fallido;

Si desperdiçam-se seiscentos mil no Paraguay para sustentar um capricho do rei:

E' uma affronta ás cinco provincias agonizantes, dar-lhes um punhado de farinha, e punhados de moedas de cobre, em cumprimento da divida constitucional expressa na seguinte phrase, clara e concisa:—Garante-se os soccorros publicos.—

Pobre povo!

Requiescat in pace.

Envenenada pela absorpção dos miasmas pestilentos emanados dos immundos armazens de couro salgado e carne ardida do Sr. Cunha Freire acaba de expirar, extorcendo-se em medonhas convulsões, o prostibulo que o escarneo publico chamou assembléa provincial, e o seu expirar manifestou-se por uma putrefacção precóce, pois ainda aquella corporação agonisava estertorando infamias e já o B. de Ibiapaba, o coveiro da dignidade, mandava os seus trabalhadores da praia apanharem os pedaços gangrenados da moralidade legislativa.

E poderia o Barão Negreiro ser indifferente áquelle hippodromo? feitura de suas mãos com elle havia ligado o seu destino; aquillo era seu; aquillo pertencia-lhe como lhe pertencem os escravos comprados com o dinheiro do usurario: desde o matuto que comia na sua cozinha até o bacharel que como o cão lambe-lhe a mão e lambe-lhe os pés, tudo lhe está sujeito e elle, o homem sem coração para fazer o bem sem exigir em paga uma infamia, uma vilania, a honra da mulher, da filha, da irmã sceva os seus instinctos estupidos exigindo dos escravos diplomados o voto que autorisasse as *palotas*, as suppressões de cadeiras e todas as infamias que occorressem áquelle cerebro donde sahio envergonhada a razão para reinar exclusivamente o calculo desbragado.

Nos fastos da historia d'esta infeliz provincia vão gravar-se duas datas horrivelmente funestas: a da installação e encerramento da assembléa provincial de 1877, pois d'ella resultou maiores males do que os occasionados pela terrivel secca que nos opprime. D'ella, porém resultou um bem: a demonstração evidente do quanto está rebaixada a missão do deputado, a consciencia do legislador, o caracter dos conservadores da maioria, os brios dos truões palacianos, a hediondez do B. corsario, que nos seus sonhos de dominio universal não recuou perante o anathema da opinião publica, não trepidou em rasgar com o punhal da degradação a coberta de retalho que cozeu na machina das actas falsas e falsificadas e expor na praça publica aquelles trapos aos insultos da canalha, ás apupadas dos moleques e ao escarneo d'aquellas que trasbordam de cynismo.

Moralidade, velai a face. Homens de bem, voltai o rosto; não... olhai de frente. Vêdes aquelles homens que cabisbaixos e silenciosos vão entrando na assembléa provincial? são esses escravos que o Negreiro nomeou representantes do povo. Vêdes tambem um batalhão apresentando armas? ouvis rufarem tambores, tocarem musicas ao apparecer de um homem de farda bordada? é o presidente, é o lacaio que traz a libré da casa de D. Pedro de Alcantara, que passeia na Europa em quanto os filhos do Brazil expiram de fome; que compra quatro galgos por 7:200$000 réis em quanto o Prexedes cortam 15 % do ordenado dos empregados publicos; que quer instruir-se em hebraico em quanto os Campellos esbofam-se por supprimir a cadeira de latim de Maranguape; que com os desperdicios dos dinheiros do Imperio autorisa ao Estellita-*macho*, á Estellita-*femea*,

MUTILADO

aos Fredericos Borges e outros offerecerem ao *philantropico* Telesphoro 90 contos de réis roubados aos famintos cearenses!

Miseraveis vendedores de fumo! e é o promotor que briga com o deputado Linhares por não votar em favor do projecto do fumo; e é o secretario da relação pedindo votos para sua passagem em nome da mulher do presidente; e é o proprio presidente que favorece esta pretenção iniqua e affrontosa ao commercio, aos operarios de fumo e á moralidade publica!

Estygmatisar o vicio, denunciar o crime e melhor do que isso: louvar o merito é a nossa divi-a; é o papel á que nos proposemos quando começamos a escrever o *Retirante* e fieis ao nosso programma folgamos de dizer que o deputado Samuel, graúdo e membro da commissão de orçamento, declarou em plena sessão que os seus collegas e correligionarios deram parecer no projecto de *fumo* sem audiencia sua, o que não foi contestado pelos deputados Praxedes e Campello, que se achavam presentes.

Assim, Sr Samuel; atire lama para alguem pôl-a na cara em lugar de vergonha; descubra as patotas d'esses escravos do B. Negreiro; ponha á mostra a calva dos individuos de seu partido; mostre á luz meridiana as miserias de seus correligionarios; mordam-se de inveja; rôam-se de ciumes por que cada um quer ser o primeiro no banquete da adulação e o ultimo no ostrascismo da moralidade; prove que a raça dos Cotegipes é a maior do que a dos Furtados, assim como a de Judas é mais numerosa do que a de Christo. Os máus por si se destroem.

Para que servem as assembléas provinciaes? é esta a pergunta que necessariamente cahe dos labios do homem sensato ao contemplar o descalabro do sabio pensamento do acto adicional, que em seu louvavel desejo de acautelar providencialmente os direitos e a riquezas das provincias amplion os poderes dos antigos conselhos provinciaes, julgando que a propagação da instrucção, as relações sociaes, o contacto dos homens instruidos, a troca dos conhecimentos uteis, seriam outras tantas fontes, outro Jordão onde se irá purificar a humanidade das manchas que a baba do demonio da corrupção imprimiu no candido corpo da moralidade.

Utopia; utopia.

Em frente d'essa bella instituição ergue-se o vulto asqueroso da politica; da politica que suffoca todas as aspirações nobres, que adoptou como sua a nojenta regra o *fim justifica os meios;* que manda falsificar qualificações, falsificar actas, cercar igrejas, depurar deputados, nomear delegados convictos de crimes, entregar administração á homens ineptos que mal serviriam para juizes de paz da roça e a conferir baronatos á individuos que enriquecendo com o trafico de escravos accumula dinheiro para com elle matar a hydropesia de lascivia em vez de dar esmola ao patricio que estentuado de fome lh'a pede em nome de Deus, Deus á palavra mais feia que podem ouvir os usurarios.

Em quanto o corpo legislativo e o poder executivo provincial vinculados por um torpe conchavo jogavam dados sobre a tunica inconsutil do martyr eterno dos governos despoticos, o povo era coagido pelas bayonetas do Sr. Estellita á assistir calado ao roubo que se lhe fazia; a approvar com o silencio imposto pelo absolutismo a partilha escandalosa de seu trabalho extorquido; a sancionar sem um protesto solemne o esbanjamento torpe com que o reduziam a miseria aquelles á quem fizera de ladrões fieis e que d'essa confiança abusaram dando presentes de *fumo* ao *felisardo* Telesphoro.

Pobre povo! beija as mãos que te esbofeteiam; beija as cadeias que te arroxeiam os pulsos; segue vencido o carro triumphante do Sardanapalo graúdo, de titular que tem por brasão um fundo negro no qual estão pintados uma mulher chorando a sua deshonra e um escravo succumbindo ao chicote de um feitor.

Ainda não é tudo; o povo ainda não exgotou até as fezes o calice d'amargura que a malvadez de uns, a ignorancia d'outros, a usura d'este, o servilismo d'aquelle lhe offereceram; ainda o obrigam a soffrer maiores affrontas, pois querem-n'o reduzir a ignorancia negando-lhe até os mais simples meios de conhecer os seus direitos; supprimindo as cadeiras de ensino publico, pois assim se apaga o pharol que tem por fim ensinar-lhe o caminho do dever e fazer-lhe conhecer que exgotada a paciencia, ainda resta-lhe um recurso extremo, desesperado—a pena de Talião; ainda lhe resta trocar olho por olho, dente por dente, ferro por ferro, sangue por sangue. A isso chamarão os tyrannos selvageria popular mas os homens sensatos chamarão a loucura do desespero.

Não importa o despotismo; nada conseguirá a tyrannia, venha ella envolta no manto regio de D. Pedro de Alcantara, ou arreada com a libré do B. Negreiro. Ante a onda da soberania popular serão impotentes os diques construidos com as pedras da ignorancia fatua de improvisados fidalgos cimentados com a baba immunda dos aduladores.

Nada conseguirá; o povo é um Deus, á cujo poder tudo se submette.

Já é tempo de saccodir o jugo; já é tempo do Sansão derrubar o templo da ignorancia e do servilismo.

Povo, não basta ser christão; é preciso ser tambem cidadão. Os vossos deveres de christão Christo escreveu n'uma Biblia; os vossos direitos de cidadão Jacques de Boétie estampou n'estas palavras que devem ser o codigo civil da humanidade; essas palavras deviam ser gravadas nos corações dos homens, das mulheres, das crianças, nos templos, nas praças publicas—« Aquelle que tanto vos domina tem só dois olhos, duas mãos, um corpo; nada mais tem do que o menor homem do grande e infinito numero de vossas cidades; o que elle tem de mais do que vós todos é a vantagem que vós lhe conferistes para vos destroir. Onde foi elle buscar tantos olhos com que vos espreita, a não lh'o dardes? Como é que elle tem tantas mãos para vos bater, se as não recebe de vós? Os pés com que pisa vossas cidades, onde os foi buscar senão aos vossos? Como é que elle tem poder algum sobre vós senão aos vossos? Como ousaria elle correr sobre vós senão estivesse de intelligencia com osco? Que vos poderia elle fazer, se vós não fosseis os incubridores do ladrão que vos rouba, cumplices do matador que vos tira a vida e traidor á vós mesmos? Vós semeiaes vossos fructos para que elle os disperdice; mobilaes e encheis vossas casas para dar occasião á seus latrocinios; alimentaes vossas filhas para que elle tenha com que fartar sua luxuria; alimentaes vossos filhos para que elles os leve, por melhor que faça em suas guerras, para que os faça ministro de sua cobiça; matavos com trabalho, para que elle possa nadar em delicias e enlodar-se nos immundos e vis prazeres; enfraquece-vos para se tornar mais forte e rijo em vos encurtar ainda mais a redea.

E de tantas indignidades que as bestas mesmo não experimentariam, ou não soffreriam, vós podeis livrar-vos se tentadres, não libertar-vos, mas tão sómente querer fazel-o.

Resolvei de não servirdes mais e sereis livres.

Não quero que lhe toqueis; mas que o não sustenteis mais, e vêl-o-heis, como um grande colosso á quem se houvesse tirado a base, baquear por seu peso e despedaçar-se.»

Privilegio do fumo.

III.

Ainda uma vez occupamo-nos d'este assumpto que é o que está na ordem do dia.

Sessões lugubres e vergonhosas são as que tem apresentado a assembléa.

Afinal, baqueou, cahio por terra e succumbio mascilenta e inanida como victima da secca—a grandiosa e immoral patota concedida ao *caridoso patriota* Telesphoro Marques da Silva Junior, pela mulher do Sr. Estellita, « influencia do Sr. promotor publico » e maioria da assembléa, composta de vampiros e de homens inteiramente desconceituados na grande opinião publica.

A questão odiosa do privilegio do fumo ha quasi feito uma revolução, e para elle passar a todo custo, mesmo pôr cima de cadaveres, mandou o Sr. Estellita postar nas galerias e ante-salas—25 praças armadas de sabres e embaladas, com ordens terminantes de fazer fogo sobre *o primeiro* cidadão que, arrastado pelo enthusiasmo e magnetisado pela eloquencia com que ouvia a minoria deffender os direitos do povo—a applaudisse—ou apupasse as bernardices da maioria, que só tem em seu seio homens nimiamente beocios, parvos e analphabetos—verdadeiros Tribonlets—ou em portuguez mais claro—cynicos palhaços, cujas palavras só provocam risos e apupos—os sevandijas Praxedes, Campello e Feijó.

E' de facto um terno de homens sem vergonha!

Além das 25 praças do governo fizera a maioria da assembléa collocar ali 18 capangas—seus amigos—homens verdadei-

MUTILADO

ramente sinistros, munidos de cacetes e punhaes, com ordem do Pachá—o Barão de Ibiapaba—de ao aceno do primeiro espectador ser-lhe varado o coração !!!

Um terror panico apoderou-se do povo, que, receiando ser apunhalado comprime a respiração e faz reinar ali um silencio superior, talvez, ao dos cemiterios.

E' que ali não havia mais do que meia dazia de cidadãos, que via de quando em quando sahir da bainha em busca de *rexpuraço* as pontas aguçadas dos mortiferos punhaes !

Não obstante aquelle aparato belico tão hediondo quanto monstruoso, tremia convulsamente a infame e cobarde maioria, como, se as catanas que empunhavam os capangas, seus irmãos e collegas em sentimentos, estivessem roçando-lhes a garganta ou ferindo lhes o peito como o abutre de Prometheo.

O Sr. Frederico Borges, promotor publico d'esta infeliz terra, ali se achava; vio aquella pandilha de thugs armado e ameaçando [illegible] nada disse !

E' que o S. pertence á aquella seita; e não passa de uma creança—cujo sexo ainda duvidoso;—não tem impatação, e, bia com a obtenção do *contrabando*, auferir, dizem os *cavilosos*, não pequenos lucros e via-os fugir com rapidez meteorica ! Uma tristeza mortal, occasionada pela derrota, envolvia-lhe alma e fez-lhe alterar a phisionomia já empalidecida.

Sr. promotor publico, ouça-nos:—não queira sahir da orbita de seus deveres, não opprima o povo—para que elle não ponha um dique, e consinta que seja sem seu protesto, passada uma vergonhosa patota; defenda-o antes como lhe cumpre !

Povo brioso, cearenses distinctos não vos deixeis apavorar á vista d' esta ligeira tempestade, que não passa de uma quixotada e reagi contra a oppressão e despotismo em quanto é tempo !

Só na reacção encontrareis o vosso salvatorio !

Não digaes como Brutus:—*Nimium timemus mortem, et exilium, et paupertatem !*

« Quando um grande povo quer ser livre é-o, contanto que o seu terreno lhe forneça os metaes com que se forjam as armas. »

Como dissemos, sossobrou o immoral privilegio do *fumo*, á despeito de ser jogado a ultima carta e dos titanicos esforços da maioria !

—Cahio a montanha ! Que decepção !

Os deputados—os cynicos Praxedes e Campello—amarellados e palidos como uma prostituta—choravam:—um por não ter podido satisfazer o pedido da Senhora do Sr. Estellita e outro por ter gasto a sua *eloquencia* fallando tão *formosamente;* Feijó, então, para fazer côro com seus collegas deixou desdobrar suas mandibulas e apresentou aos espectadores um riso parvo e alvar !

Coitados, são dignos da execração publica e da maldição dos posteros !

Hosanas, mil vezes hosanas, cantemos !

Sobre este assumpto tão pouco agradavel, temos hoje deposto a nossa penna.

Mais uma vez—hosanas !

Quem são os claqueurs.

A *Constituição* de 29 do passado dando noticia em sua insulsa *chronica* dos ultimos escandalos dados na assembléa provincial, provocados pelos deputados que se acham aos serviços do Barão de Ibiapaba e desembargador Estellita, qualifica de—*claqueurs* os espectadores que hiam ali apreciar seus *rasgos de patriotismo.*

Quereis saber, Srs. da *Constituição*, quem são esses *claqueurs ?*

São aquelles que para ali mandaram os parceiros do Barão (os trabalhadores da praia) para insultar os deputados da opposição e fazer desordens;

São aquelles que, sujeitando-se aos caprichos de uma mulher e vendendo se a um aventureiro por dois contos de réis, queriam fazer passar o mais infame, escandalosa e immoral patota—o celeberrimo privilegio do fumo—embora a custa do derramamento de sangue pelos refes do Sr. Estellita e pelas facas do Sr. Ibiapaba;

São aquelles que, esquecendo-se de que sendo os eleitos do povo, criminosamente [illegible] foram força para espaldeirar o mesmo povo;

São aquelles que na secretaria de [illegible] assembléa falsificaram pareceres e emendaram actas;

São aquelles que queriam roubar o pão da bocca de um pobre professor, satisfazendo assim as mesquinhas vinganças de uma entidade sem nome na ordem das cousas;

São aquelles que sentaram-se n'aquellas cadeiras, quando deviam occupar os bancos dos réos;

São aquelles que, enchotados das filheiras de um partido—por infames e traidores—vão unir-se a outro, e do orgam d'este atiram suas nojentas bilis sobre os caracteres distinctos, fazendo assim jus a um emprego qualquer;

São, finalmente, aquelles que maream sua reputação servindo de miseraveis capachos de um antigo batedor de couros.

Estes sim, são os verdadeiros *claqueurs*, os homens pagos para representarem o triste e degradante papel de legitimos petrolei. ...

Que o digam os Praxedes, Campellos, Fredericos, Pintos de Mendonça e outros de igual jaez.

E' bom conhecel-os.

Ha corações tão gastos, que converte um ser humano na figura impossivel de um *bruto*, incapaz de qualquer sentimento nobre.

Consta-nos que o Sr. tenente Sampaio sollicitando e obtendo autorisação do Exm. presidente para a construcção de palhoças que abrigassem os infelizes retirantes esparsos pela estrada de Soure, pedira permissão aos proprietarios d'esses terrenos, os portuguezes Antonio d'Oliveira Borges e Antonio Fernandes de Faria, para a construcção alludida, obtendo em resposta—UMA RECUSA FORMAL.—

Dirigindo-se o Sr. tenente Sampaio ao benemerito capitão Luiz de Seixas Correia, este fez a concessão com a melhor boa vontade, em terras de sua propriedade, onde vão ser as palhoças construidas, embora não seja o terreno tão salubre como aquelle, razão que obrigou o Sr. Sampaio a dirigir-se de preferencia aos dois *humanitarios portuguezes*, que negam uma *sombra* e uma *gota d'agua* de suas terras aos famintos *d'esta terra* que os acolheu e os fez capitalistas.

Felizmente, por honra de Portugal, são raros os Antonio Borges e os Faria; no que não ha desar, porque todos os paizes tem *Cains.*

Quanto a Antonio Borges—já deu provas de ser quem era—no ajuste de contas com o seu proprio compatriota e protector, commendador Luiz Ribeiro !

O Sr. Faria..... nem se falla; porque quasi não merece impatação. Consta-nos que sua recusa foi aconselhada pelo seu *director espiritual*—o bem conhecido Xico Rocha, vice-consul de Portugal, que *licitamente* é hoje capitalista d'esta terra atrevendo-se a dizer para Faria :—não dê suas terras; porque V. nunca mais se apossará d'ellas.

Mas olhe o Sr. Faria o seu conselheiro [illegible] custe mais caro, do que o beneficio com tanta deshumanidade negado aos pobres indigentes !

Ficamos aqui, por que o nosso fim é sómente apontar ao povo ás viboras que mordem a mão do infeliz que lh'a estira pedindo UMA ESMOLA !

A Rainha de Portugal.

Ha acções tão generosas que dispensam elogios !

Em virtude da proposta da Rainha de Portugal, D. Maria Pia, á uma commissão que preside, foi votada a somma de 1b. 8 000 (Rs. 80.000$000) para soccorro ás victimas da secca que flagella as provincias do Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco.

Essa somma seria entregue a uma grande commissão de 37 membros, presidida pelo Conde de Rio Maior, que se acha constituida em Lisboa para obter donativos em favor dos flagiciados pela secca no Brazil, fazendo-se mensão especial da provincia do Ceará.

O Dr. José Correia Loureiro, consul portuguez, no Maranhão, e que presentemente se acha em Lisboa, é um dos secretarios da referida commissão e foi o iniciador de tão nobre quanto humanitaria idéa. Seguia para o norte de Portugal este conspicuo cavalheiro afim de constituir outras commissões filiaes.

Procedimentos d'esta ordem não se descreve—venera-se !

Segundo a correspondencia de Lisboa para o *Jornal do Recife*, datada de 13 do expirante mez, a sobredita commissão preparava uma remessa de 60 000$000 rs. (moeda forte) cerca de 130 contos de nossa moeda.

E' de esperar que a benemerita commissão de Lisboa destine logo as quantias

MUTILADO

que devem ser remettidas á cada uma das provincias, e que tenha tido em vista, que a do Ceará soffre por si só tanto como as suas tres irmãs reunidas.

E ha razão para dizer-se, como infelismente já o fez um orgam da imprensa da nossa terra, que o portuguez não tem caridade nem gratidão? Não!

O pouco espaço que nos resta obrigano-nos á concluir aqui, deixando assim de transcrever hoje para as nossas columnas as palavras d'aquelle correspondente, o que fareinos no numero seguinte.

Entretanto, desde já, nós em nome do paiz, das victimas que tombam aos milhares e da provincia eternamente penhorada —agradecemo-vos—irmão!

Rectificação.

Na noticia que demos no numero passado sobre Mossoró, no ultimo periodo, deve lêr-se—Avista d'isto, convem que o Sr. presidente do Rio Grande do Norte etc, e não—o Sr. Estellita—como por engano foi publicado.

CORRESPONDENCIA.

Acaracú, 27 de Agosto de 1877.

Volto de novo as paginas do orgam das victimas da secca, e irei sempre o fazendo, porque não me faltará assumpto para pugnar em nome d'elles o seu direito.

Terrivel situação. Contristador o quadro que se apresenta todos os dias a nossos olhos.....

Caravanas e caravanas das infelizes victimas da secca, magracentos pallidos, deixam vêr n'esses mirrados rostos o desespero da fome.

E o que tem feito o governo em beneficio d'estes desnaturados filhos refugiados n'este torrão?

Dorme indolente e indifferente a tudo, e congratula-se em dizer—que a imprensa exagera quando noticia os horrores da fome.

Fallamos do Sr. ministro do Imperio.

Tendes razão Sr. ministro, porque em quanto as variedades de manjares de vossa lauta meza vos causa fastio, aqui os famintos estendem a mirrada mão á caridade publica.

Em quanto os rigores da moda parisiense peja os vossos ricos guarda-roupa, aqui os miseraveis emigrantes mal podem cobrir com os restos de farrapos o seu corpo, que se assemelha a uma mumia!

E n quanto o vosso elegante carro vos conduz aos magnificos passeios, aqui os infelizes retirantes mal podem mover seus pezados pés, inchados pelo curso de centenas de leguas e de um solo abrasador e pedregoso dos sertões!

E' mentira, Sr. ministro; e nas brumas do tempo vae desapparecendo para os infelizes essa felicidade d'outr'ora; es es dias de tanta ventura, onde raiava um sol explendido; essa epocha em que o povo no meio da abundancia tambem repartia com o governo o seu trabalho; porque lhes batia a porta o disimeiro e lhes exigia em nome da lei uma parte de seu suor;

Esse mesmo povo que offerece seu peito as balas do Paraguay enriquece o vosso thesouro com os vossos pezados impostos e corre ás urnas para vos eleger, hoje mente quando por intermedio da imprensa vos fez sentir suas grandes necessidades;

Esses infelizes que estendem a mão mirrada, não aquella mão rija e forte que muitas vezes enverguou a fouce e o machado, implorando do governo um pouco do que lhes levaram; e elle lhes responde—É MENTIRA—ou salve-se quem poder!

Terrivel situação!...

. . . . . .

Chamamos attenção dos poderes competentes para o modo porque está procedendo o Sr. capitão do porto, privando aos curraleiros de levantarem seus curraes de pesca, refugio muitissimo pode[illegible] des[illegible]tiva, deixando de dar as informações de muitos curraes, não obstante exigir que vá logo acompanhada a informação do capataz d'este porto de 1$320, que se diz de despeza; e depois lá ficam sem solução alguma, de forma que isto muito transtorna aos proprietarios de lugares, e ao povo retirante que encontra sempre na pesca dos curraes, peixe para não morrer de fome.

Tem sido no esquecimento do governo, nos favores para esta terra, uma salvaguarda d'esses infelizes mortos a fome, os curraes; e por tanto bem lembrado seria que até se facultasse o levantamento, a quem podesse fazer, independente mesmo de tantas etiquetas exigidas pela capitania, privando tambem a camara municipal o arbitrio de ser bôa á seus municipes n'esta calamitosa quadra.

Consta-nos que a tres para quatro mezes pairam nas mãos do Sr. capitão do porto informações de muitos curraes com os competentes cobres que exige—1$320.

Sr. capitão do porto preste esta caridade a porção d'estes famintos abrigados á sombra d'este torrão.

E' cruel e deshumano.

S. S.ª com o Sr. ministro do Imperio não sabem o que é necessidade e dirá tambem—É MENTIRA!

Triste dilema d'esta pobre provincia.

Nós pelo orgam d'essas infelizes victimas da secca, em nome d'elles pedimos a S. S.ª, e dizemos que quanto maior fôr o numero de curraes, menos soffrem os famintos e melhor lhes será o viver, porque o peixe lhes darão os coridosos donos de curraes e o governo, se si compadecer d'elles, a farinha.

Não exigimos que as dê gratis, mesmo por dinheiro; queremos é que sejam despachadas e mandadas á quem pertencer, ou em falta os 1$320.

Esperamos.

Voltarei breve.

* * *

TRANSCRIPÇÃO.

Rio Grande do Norte.

A SECCA E A FOME.

O esforço humano não póde descrever os horrores e as desgraças por que estão passando os infelizes sertanejos.

Offusca-se a razão e a penna entorpece diante de tanta angustia, tanta dôr, tanta afflicção e tanta miseria!

Bandos errantes de homens, mulheres, velhos, meninos e aleijados derramados pelas estradas—nús ou cobertos de andrajos, exhaustos de forças, prostrados pela cruenta fome e pelo cansaço da longa jornada—e pelas ruas d'esta cidade são as scenas, que diariamente se desenrolam a nossos olhos e que nos fazem verter lagrimas do coração!

Fallecem todos os recursos; as arvores já sem folhas é que servem de abrigo aos filhos da desgraça, aos [illegible] meiros que nús e esf[illegible] ou aos ardôres do um sol abrasador, [illegible] os dias e as noites tendo diante dos olhos apenas o espectro horrivel da fome que inexoravel sobre elles estende garras sinistras, ameaçando devoral-os qual lobo esfaimado n'um redil de cordeirinhos.

Os generos alimenticios sobem a um preço excessivo, e o povo não encontra serviço para ganhar um vintem.

O intragavel—chique-chique, pernicioso á saude, e a difficultosa carnaúba é que vão ainda previnindo as numerosas victimas da fome. Se não fôra essa desgraçada —taboa de salvação—esse bocado maldito —ai d'esse desgraçado povo!

Ha occasiões em que a fome devoradora obriga os retirantes a evadirem as casas, e esfaimados vertendo lagrimas e soltando imprecações de desespero, imploram uma esmola para alentar-se e dar mais um passo para diante.

Scena contristadora!

Muito tem feito o honrado e bemfazejo administrador da provincia, mas o mal é geral e impossivel será soccorrer a todos, não dispondo a provincia de meios de que possa lançar mão S. Exc. A seus louvaveis e inexcediveis esforços bemdiz toda a provincia á applicação de alguns recursos que tem minorado a afflicção de muitos.

O Exm. Sr. Dr. Tolentino de Carvalho tem sido previdente e incansavel na promoção de meios para soccorrer as victimas de tão monstruoso flagello—A FOME E A SECCA.

Mas si o governo imperial não auxiliar efficazmente ao humanitario presidente, será absolutamente impossivel a S. Exc. remir as desgraças, a cujo cumulo havemos infelismente chegado.

Não póde ser mais desgraçada e afflicta a situação do infeliz sertanejo; com tudo sob os auspicios de um governo benefico e generoso não desanimemos, e resignados estamos convictos a—crer e esperar.

(Do *Jornal do Assú*.)

CEARÁ—1877—Typographia Imparcial.—Impressor, Seuthberto Padilha.

MUTILADO